



Universidade  
Estadual de Goiás



## FOTOGRAFIAS NARRATIVAS: o cotidiano contado pelas lentes dos alunos

RONALD GOBBI SIMÕES (UFES)<sup>1</sup>  
GRAZIELE SOARES (UFRJ)<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo intitulado: “Fotografias Narrativas: o cotidiano contado pelas lentes dos alunos” é fruto de um projeto que envolve alunos de uma escola pública periférica de Cariacica, no Espírito Santo. O espaço urbano da região metropolitana de Vitória é problematizado com a leitura de contos e narrativas sobre as várias cidades que podem existir na cidade. Em um segundo momento, após uma oficina de fotografia, cada um escolheu para onde apontar a sua lente fotográfica. Este trabalho fundamenta-se na teoria de multiletramentos (Cope & Kalantzis, 2000) como possibilidade de construções linguísticas multimodalizadas, nos letramentos críticos (Freire, 1997; 1989), como possibilidades dialógicas na construção de novos olhares e sentidos (Duboc, 2016) e na cartografia afetiva (Pereira & Registro, 2022), que transcende a mera representação geográfica, aprofundando-se e problematizando as experiências subjetivas dos alunos em relação aos espaços que habitam. As fotografias capturadas pelos estudantes não são apenas registros visuais, mas sim narrativas visuais que revelam emoções, memórias e conexões com os lugares, funcionando como janelas para suas identidades e histórias pessoais. Propomos ainda uma reflexão crítica sobre o cotidiano e a dinâmica do deslocamento na cidade, considerando as dificuldades de acesso enfrentadas por indivíduos que habitam áreas periféricas. Através da prática fotográfica, os alunos são incentivados a desenvolver um olhar sensível e crítico, estimulando a criatividade e a percepção da realidade ao seu redor. Este trabalho se materializou na publicação de um *e-book* com a compilação dos trabalhos realizados pelos alunos. Como educadores, acreditamos em uma educação cidadã, como prescrita em nossa constituição de 1988, um ensino para além da formação acadêmica, mas também a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, em que a sala de aula é vista como um espaço de criação, curiosidade e invenção e criatividade. Assim, a fotografia é apresentada como uma forma de narrativa, arte e representação, contribuindo para a formação de um estudante que lê não apenas palavras, mas também a vida e o espaço que ocupa.

**Palavras-chave:** Fotografia. Multiletramentos. Cartografia afetiva. Narrativa. Cotidiano.

### INTRODUÇÃO

A narrativa fotográfica como forma de expressão desafia os limites entre a objetividade e a subjetividade, proporcionando uma plataforma única para explorar a experiência do cotidiano contado pelas lentes dos alunos. “Textos literários e imagens fotográficas, afinal, narram algo. Devemos, por isso, aprender a notar os significados que envolvem e entender como estes foram construídos e encadeados [...]” (Pinto & Turazzi,

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística pelo PPGEL-UFES e mestre em literatura Latino-Americana pela Purdue University. Possui graduação em Letras- Inglês e Letras -Português. Atualmente é professor da educação básica do estado do Espírito Santo. E-MAIL: [ronaldgobbi@gmail.com](mailto:ronaldgobbi@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda e mestre em Linguística pela UFRJ. Possui graduação em Letras: Português-Literaturas pela UFRJ. Atualmente é professora da educação básica do estado do Espírito Santo. E-MAIL: [grazielesoares@gmail.com](mailto:grazielesoares@gmail.com)

2012, p.10). Este artigo mergulha em um projeto inovador realizado com estudantes de uma escola pública periférica no Espírito Santo. Através da fotografia, os discentes são convidados a expressar suas percepções sobre o espaço urbano da região metropolitana de Vitória, desvendando as diversas realidades que coexistem na cidade. O projeto se baseia em uma abordagem multidisciplinar, combinando recursos literários, oficinas fotográficas e reflexões críticas sobre o papel social da fotografia como linguagem multimodal. O cotidiano, tão presente em crônicas, romances e poesias, aqui é tratado como tema de fotografias tiradas através do olhar dos alunos sobre a cidade e as suas vivências nas localidades da região metropolitana de Vitória–ES. Ainda buscamos refletir sobre os espaços urbanos de nossas cidades e sobre quais memórias construímos com estes espaços a partir da nossa relação afetiva e social em sociedade. Nesta medida, podemos dizer que iniciamos uma cartografia afetiva, transcendendo a mera representação geográfica e se aprofundando na experiência subjetiva dos espaços e os sujeitos.

A cartografia afetiva, conforme discutido por Pereira e Registro (2022), é uma metodologia que busca integrar diferentes saberes das ciências humanas, enfatizando práticas de cuidado e resistência em contextos sociais e culturais. Essa abordagem se destaca por sua capacidade de incluir não apenas a experiência humana, mas também a relação com seres não humanos, promovendo uma circularidade do cuidado que é essencial para a construção de narrativas afetivas (Pereira & Registro, 2022). Nesse contexto, a fotografia desempenha um papel fundamental, capturando não apenas a topografia física da cidade, mas também as emoções, memórias e conexões que permeiam esses lugares. As fotografias representam as micro narrativas, as histórias pessoais de vida de nossas experiências humanas. As fotos vão além do simples registro visual, cada *click* conecta-se com o âmago das pessoas e suas relações com o ambiente. Ao fotografar, o olhar sensível do fotógrafo (estudante) revela nuances que vão além da superfície, trazendo a oportunidade de releitura crítica. Cada imagem carrega consigo a carga emocional do momento capturado, tornando-se um fragmento da cartografia afetiva e das narrativas invisíveis que costuramos no cotidiano.

Ao longo deste texto, iremos explorar algumas intersecções entre cartografia afetiva, estudos críticos, multiletramentos e fotografia em contextos educacionais. Nossa pesquisa é de caráter pedagógica-experimental, bibliográfica e qualitativa-interpretativa.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

*“A leitura do mundo precede a leitura da palavra”*  
(FREIRE, 1982)

Aliado a este entendimento epistêmico, nos apoiamos na pedagogia crítica de Paulo Freire, ao entendermos que a educação começa desde o sujeito e a sua realidade, e que a capacidade de decifrar os signos linguísticos está intimamente relacionada à leitura das realidades que perpassam os sujeitos. Nesta medida, as experiências pessoais de cada aluno fazem parte deste repertório linguístico único que busca codificar/decodificar o mundo à sua própria maneira.

A utilização da cartografia afetiva como um recurso metodológico permite a identificação/utilização destes saberes locais e a expressão criativa em diversas linguagens, incluindo a fotografia (Silva, 2023). Já Alavez (2019) propõe o uso da cartografia e da arte para analisar histórias de vida, destacando a subjetividade e a experiência individual como elementos centrais na compreensão do espaço em que vivemos.

Ao longo do nosso texto, optamos por trazer algumas imagens (Soares & Simões, 2023) das fotos tiradas pelos nossos alunos, pois acreditamos que este interlúdio visual possa ir exemplificando, ao mesmo tempo que fomenta a nossa curiosidade sobre o trabalho final que se tornou um *e-book*.

*Figura 1*



*Figura 2*



Pensando sobre estas problematizações, desenvolvemos uma abordagem metodológica que nos permitisse desenvolver os princípios do letramento crítico aliado às escolhas pessoais de cada aprendiz. Pois, como nos aponta Freire (1994), sobre o professor: “Ele deve estar atento ao contexto de seus educandos, pois educar exige respeito à autonomia e à identidade do educando.”. A fotografia foi o veículo escolhido para a realização desta experiência pedagógica, por sua plasticidade estética, permitindo ao fotógrafo escolher o seu objeto, a luz, enquadramento, distância, ângulo, efeitos, etc. Ainda consideramos que a maioria dos discentes possui acesso a câmeras fotográficas em seus próprios celulares, fazendo deste um instrumento amplamente disponível aos alunos. É inegável o impacto do uso de *smartphones* como parte de todas as atividades diárias, desde ver a previsão do tempo, fazer compras, usar o despertador, ler as notícias, navegar nas redes sociais, e claro, tirar fotos para guardar de recordação. Trazemos abaixo alguns dados sobre qual seria a porcentagem de fotos tiradas por meio de celulares, em comparação com as câmeras fotográficas tradicionais. Os celulares contabilizam 94% de todas as fotos tiradas, enquanto somente 6% foram câmeras fotográficas.

Figura 3



Fonte: Photutorial (2024)

O uso da fotografia ainda nos permitiu incorporar a noção de multiletramentos aos nossos objetivos no desenvolvimento de uma educação linguística multimodalizada e crítica. Cope e Kalantzis (2000) nos introduzem o conceito de “multiletramentos”, que enfatiza a necessidade de expandir o processo de letramento e alfabetização tradicionais, para abranger as diversas práticas linguísticas e culturais que caracterizam a sociedade contemporânea. Em um mundo globalizado e multissemiótico, a imagem ganha um destaque crescente no

processo de construção de sentidos, basta olhar para a internet e podemos verificar novas formas de linguagem como memes, *gifs*, *reels*, etc.

Para ilustrar o crescente impacto das novas linguagens, trazemos alguns dados relativos ao uso crescente de memes:

1. O mercado mundial de memes teve uma receita de US\$ 2,3 bilhões em 2020 e estima-se que aumente para US\$ 6,1 bilhões até 2025, com uma taxa composta de crescimento anual de 21,6% a partir de 2023. (Sci-Tech Today, 2024)
2. Cerca de 55% das pessoas entre 13 e 35 anos compartilham memes semanalmente, e 30% os compartilham diariamente. (Sci-Tech Today, 2024)
3. Uma pesquisa da Universidade de Nova York descobriu que os memes são dez vezes mais eficazes do que os recursos visuais de marketing normais, alcançando uma taxa 60% maior de interação orgânica. (ContentDetector.AI, 2024)

A maneira como nos comunicamos se modificou de forma radical nos últimos anos com a expansão crescente do mundo digital, empurrando milhões de pessoas para o uso cotidiano de novas mídias e linguagens multissemióticas. A pesquisa mencionada acima, da Universidade de Nova York, sinaliza o potencial econômico e comunicativo destas novas tipologias textuais.

Diante dos dados do crescimento gigantesco do uso de memes, podemos pensar na escola como um dos agentes do processo de formação cidadã, e nesta medida pode também contribuir para um letramento digital multimodalizado, propondo atividades que possam fomentar abordagens críticas por meio dos diferentes tipos de linguagens. A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) traz diversas referências quanto à necessidade de se incorporar outras formas de letramentos e usos de linguagens, e entre os objetivos e reflexões, podemos listar algumas:

Refletir sobre as transformações ocorridas nos campos de atividades em função do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, do uso do hipertexto e da hiperídia e do surgimento da Web 2.0: novos gêneros do discurso e novas práticas de linguagem próprias da cultura digital, transmutação ou reelaboração dos gêneros em função das transformações pelas quais passam o texto (de formatação e em função da convergência de mídias e do funcionamento hipertextual), novas formas de interação e de compartilhamento de textos/conteúdos/informações, reconfiguração do papel de leitor, que passa a ser também produtor, dentre outros, como forma de ampliar as possibilidades de participação na cultura digital e contemplar os novos e os multiletramentos. (p.72)

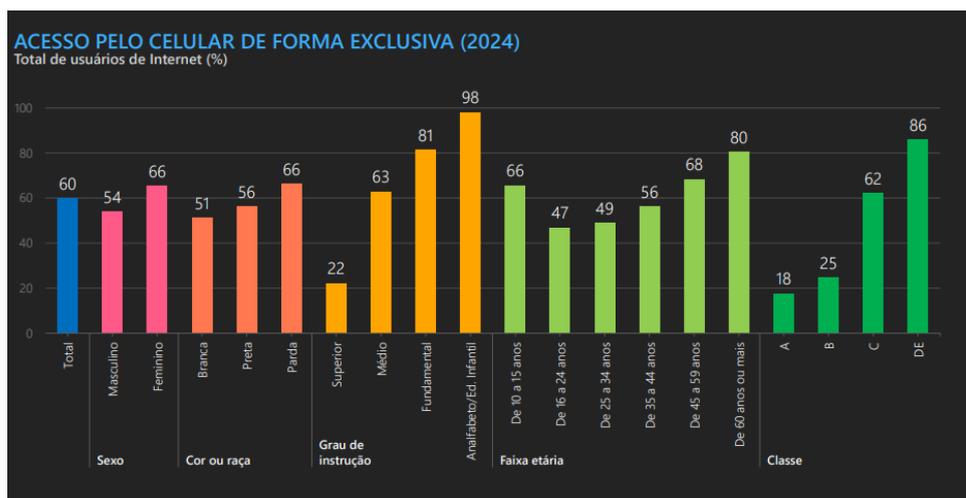
“(..)multiletramentos, concebida também nas práticas sociais do mundo digital – no qual saber a língua inglesa potencializa as possibilidades de participação e circulação – que aproximam e entrelaçam diferentes semioses e linguagens (verbal, visual, corporal, audiovisual), em um contínuo processo de significação contextualizado, dialógico e ideológico. Concebendo a língua como construção social, o sujeito “interpreta”, “reinventa” os sentidos de modo situado.”(p.242)

“apropriar-se das linguagens da cultura digital, dos novos letramentos e dos multiletramentos para explorar e produzir conteúdos em diversas mídias, ampliando as possibilidades de acesso à ciência, à tecnologia, à cultura e ao trabalho.” (p.475)

É notório que a BNCC incorpora as discussões sobre multimodalidade, multiletramentos e multisemioses, mas, ao mesmo tempo, esvanece qualquer referência quanto aos autores e teóricos do tema. Se torna curioso a ausência de um referencial teórico que indique e delimite quais são as fontes destas tradições científico-acadêmicas discutidas ao longo da obra.

Outro aspecto importante a se problematizar é quanto ao acesso à tecnologia e à internet. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE<sup>3</sup>) relata que, somente no Brasil, 22,4 milhões de pessoas foram consideradas “excluídas digitais” no ano de 2023. (CNN, 2024). Um estudo do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, CETIC.BR, sinaliza que o acesso à internet é realizado exclusivamente pelo celular por 60% da população brasileira, ou seja, o acesso tecnológico é ainda muito limitado para grande parte da população brasileira. Se considerarmos que nas classes D e E este número salta para 86%, podemos ainda refletir sobre qual seria a viabilidade de pensarmos em uma educação a distância por meio de plataformas digitais na escola pública.

Figura 4



Fonte: (CGI.br., 2024)

O governo do estado de São Paulo, por sua vez, lançou uma plataforma<sup>4</sup> online com diversos aplicativos que, conforme a reportagem do site do governo paulista, a: “Expectativa é que novas ferramentas digitais reduzam em cerca de 25% o abandono às aulas, além de aprimorar o desempenho dos estudantes em classe”. Devemos ter uma atitude crítica sobre a viabilidade e implementação de determinadas abordagens, como, por exemplo, dos multiletramentos, uma vez que, todavia, enfrentamos muitas contingências de formação docente/discente estrutural, acesso à tecnologia e internet, por exemplo.

Diante das contingências levantadas, optamos por utilizar os celulares disponíveis dos alunos para trabalhar com fotografias de forma colaborativa, aqueles que tinham celular poderiam compartilhar o aparelho e trabalhar em grupos com outros alunos que não tivessem acesso ao aparelho, permitindo aos discentes usar o aparelho para fazer suas próprias leituras imagéticas e críticas do uso da linguagem.

4

<https://www.educacao.sp.gov.br/governo-lanca-programa-sala-futuro-para-modernizar-educacao-e-reduzir-evasao-escolar-de-sp/#:~:text=O%20governador%20do%20Estado%20de,moderna%20e%20atrativa%20aos%20estudantes.>

Figura 5



Figura 6



## COMO AS FOTO(GRAFIAS) NASCEM

A criatividade dos alunos, muitas vezes, é colocada na tangente do processo de ensino-aprendizagem. Textos autorais são inseridos em moldes de um gênero textual específico e que garantam uma nota, e há produções artísticas das quais nunca saberemos, pois os alunos leem a escola como um espaço em que suas obras e seu senso criativo não têm lugar.

Este trabalho, que expõe o potencial fotográfico dos discentes, nasce em um contexto de incentivar a criatividade dos alunos, fazendo-os enxergar que, em suas mãos, se encontra(va) uma ferramenta que permite que eles construam novas perspectivas sobre o mundo e a realidade que os cerca.

O *e-book* se organiza a partir de uma sequência didática nas aulas de Língua Portuguesa e Língua Portuguesa e Linguagens Digitais, disciplina do aprofundamento de Mídias Digitais: Linguagens em Ação, que integra o conteúdo programático do colégio. No primeiro momento, os alunos analisaram diversas fotografias retratando diferentes cotidianos e narrativas, tanto tiradas pela professora quanto presentes no livro *Fotoescritos do confinamento: representações do real em tempos de quarentena* (Pimentel & Afonso, 2021).



Universidade  
Estadual de Goiás



No segundo momento, os alunos participaram de uma oficina em que aprenderam sobre conceitos cruciais do mundo da fotografia: luz, perspectiva e enquadramento. Dessa maneira, os alunos puderam entender que não basta ter uma câmera fotográfica em mãos, no caso deles, o telefone celular com sua câmera, mas que há técnicas que podem ser utilizadas para captar, da melhor forma, o que desejam registrar por meio da fotografia.

A tarefa dos discentes era fotografar seu cotidiano, de modo que sua fotografia narrasse algo sobre si ou sobre seu dia a dia. A primeira dificuldade na tarefa se encontrou no fato de que os alunos não acharam fácil escolher o que fotografar. A noção de “escolha” ou “tema livre” deixa o alunado bastante ansioso e um pouco perdido, pois a escola os acostuma a lidar com direcionamentos e temas precisos e extremamente delimitados.

Neste sentido, as inúmeras fotos analisadas no primeiro momento da sequência didática direcionaram os alunos no que dizia respeito ao que seria fotografar o cotidiano ou narrá-lo por meio de uma imagem. Outro fator que dificultava era o aparelho celular. Mesmo que tratemos a geração atual como nativa digital e extremamente conectada, ainda há adolescentes e jovens sem telefones. Alguns alunos fizeram suas fotos no telefone de colegas, o que permitiu, inclusive, um trabalho colaborativo em que alunos davam dicas uns aos outros sobre luz (e sombra!) e sobre enquadramento.

Por fim, um dos maiores impasses para os alunos foi compreender como uma simples fotografia renderia a eles uma nota. A noção de que o ensino-aprendizagem envolve o processo e não o produto nem sempre é facilmente entendida por educandos (e por alguns educadores!). Mas, é crucial ensinarmos que a aprendizagem requer reflexão, criticidade e um processo. E assim as foto(grafias) dos estudantes foram escrevendo suas visões de mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os desafios e oportunidades discutidos sobre o uso da fotografia como instrumento de letramentos críticos e multimodalidade, é essencial que pesquisadores, gestores públicos e a sociedade civil intensifiquem os esforços em relação à formação docente/discente, o acesso à tecnologia e à internet. Somente assim será possível alcançar condições mínimas de uso de ferramentas digitais de forma ampla e irrestrita com os alunos da escola pública. É ainda urgente que o poder público possa (re)avaliar as suas próprias



políticas públicas sobre o assunto, de modo a incorporar mecanismos de avaliação processual quanto às contingências levantadas, pois muitas vezes somente o professor é avaliado quanto à aplicabilidade/uso ou não das ferramentas digitais, sendo tal premissa extremamente reducionista e incompatível para com as questões aqui levantadas. O docente é muitas vezes assediado pela administração pública para realizar atividades prescritas e padronizadas, apagando a possibilidade do uso criativo e crítico das linguagens digitais dentro do contexto/realidade de cada escola.

Por fim, esse projeto, ao unir literatura, fotografia e reflexão crítica, reitera o valor de uma abordagem interdisciplinar que respeita e valoriza a diversidade de vivências dos estudantes, além de provocar uma leitura transformadora do espaço urbano. Ainda, ao reconhecer o papel da cartografia afetiva e das narrativas fotográficas como vias de construção de identidades e memórias coletivas, abrimos uma discussão sobre a necessidade de espaços educativos que permitam a criação de narrativas multimodalizadas que sejam tão plurais quanto os sujeitos que as constroem. Em tempos de transformações sociais e urbanas aceleradas, olhar a cidade pelos olhos dos jovens e registrar suas histórias torna-se um ato de resistência e de valorização de suas experiências locais, fazendo da fotografia uma poderosa linguagem de expressão que ultrapassa o instantâneo e revela uma poética do cotidiano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAVEZ, José, et al. "La élite del camino: una aproximación cartográfica para analizar las historias de vida de estudiantes mexicanos de posgrado". *TECCOGS: Revista Digital De Tecnologias Cognitivas*, no. 19, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 05 de Novembro, 2024.

DUBOC, A. P. M. A avaliação da aprendizagem de línguas e o letramento crítico: uma proposta. In: JESUS, D. M. de; CARBONIERI, D. (Org.). *Práticas de Multiletramentos e Letramento Crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. (Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada, 47).

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.



Universidade  
Estadual de Goiás



FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

MEME Statistics. Content Detector. Disponível em:  
<https://contentdetector.ai/articles/meme-statistics/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

MEMES Statistics. Sci-Tech Today. Disponível em:  
<https://www.sci-tech-today.com/stats/memes-statistics/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

PEREIRA, Joselaine R., et al. "Antropologizando a cartografia afetiva: práticas de cuidado como formas de resistência e re-existência". *Campos - Revista De Antropologia*, vol. 23, no. 1, 2022, p. 122.

PHOTOS Statistics. Photutorial. Disponível em: <https://photutorial.com/photos-statistics/>. Acesso em: 5 nov. 2024.

PIMENTEL, Ary; AFONSO, Higor. (orgs.). *Fotoescritos do confinamento: representações do real em tempos de quarentena*. Rio de Janeiro/ São João de Meriti: Desalinho/Ganesha Cartonera, 2021.

PINTO, Júlio Pimentel; TURAZZI, Maria Inez. *Ensino de história: diálogos com a literatura e a fotografia*. São Paulo: Moderna, 2012, p.10.

ROJO, ROXANE. Novos letramentos e protótipos de ensino: por um web-currículo. In: CORDEIRO, Gláís Sales; BARROS, Eliana Merlin Deganutti de; GONÇALVES, Adair Vieira. (Orgs.). *Letramentos, objetos e instrumentos de ensino: gêneros textuais, sequências e gestos didáticos*. São Paulo, Campinas: Editora Pontes, 2017. p. 189-216.

SOARES, Grazielle; SIMÕES, Ronald Gobbi.(orgs.). *Fotografias narrativas: o cotidiano contado pelas lentes dos alunos*. Recife: Even3 Publicações, 2023. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/fotografias-narrativas-3359845>

SILVA, José M., et al. "Possibilidades para uma educação diversa e inclusiva na amazônia: uma experiência no sistema de organização modular de ensino no estado do Pará". *Ethnoscintia - Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology*, vol. 8, no. 3, 2023, p. 75.

THRIFT, Nigel. Intensities of feeling: towards a spatial politics of affect. *Geografiska Annaler*, v. 86B, p. 57-78, 2004.